



CAPÍTULO 07

As artes visuais e o autismo em sala de aula: uma revisão sistemática

Janser de Oliveira
Dra. Nayara Alves de Sousa





CAPÍTULO 07

As artes visuais e o autismo Em sala de aula: uma revisão sistemática

Janser de Oliveira
Dra. Nayara Alves de Sousa



O presente artigo objetiva realizar uma revisão sistemática, dentro da literatura, através do método de pesquisa Estado da Arte com a seleção de trabalhos acadêmicos (dissertações, teses e livros) envolvendo as Artes Visuais como método de inclusão para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Fundamental – Anos Finais. Usando, para isto, os descritores: Autismo, Arte-educação, Transtorno do Espectro Autista (TEA), arte e autistas e inclusão e autista. Os trabalhos foram selecionados, de forma criteriosa, dentro das plataformas BDTD, PRAXIS, CAPES e GOOGLE ACADÊMICO e contribuíram para o desenvolvimento de uma revisão intelectual, norteadada pela análise da temática escolhida. Assim, foi constatada a necessidade de estudos de uma metodologia que utilize a arte como forma de inclusão em alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e que favoreça uma aprendizagem significativa. Isso porque, os trabalhos selecionados demonstraram que não existem livros, teses e dissertações que contemplem o objetivo desta pesquisa e conseqüentemente, apontam uma lacuna e necessidade de estudos dentro do cenário do TEA, envolvendo a arte, na área da Educação.





INTRODUÇÃO

A educação é um direito de todos e a inclusão escolar de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no meio educacional, está prevista por lei. As instituições educacionais, sob a Lei Berenice Piana, n.º 12.764 de 27 de dezembro de 2012, precisam assegurar o trabalho e a inclusão em sala de aula de pessoas com deficiência, como é o caso da criança com TEA. Todos os direitos deverão ser respaldados e cumpridos como os de qualquer outra criança, como também as suas oportunidades, os seus benefícios legais e dentre eles o direito à educação e ao ensino profissionalizante (BRASIL, 2012).

Assim, a cada ano, encontram-se mais alunos em sala de aula com tal transtorno, exercendo o seu direito e precisando, portanto, de pesquisas que orientem e qualifiquem os professores/mediadores com conhecimento em metodologias eficazes para o sucesso do processo de ensino aprendizagem. Obedecendo então, o rigor de uma pesquisa científica, com o intuito de abrir um leque de informação.

A partir desses pressupostos, a questão norteadora nessa pesquisa é: existem trabalhos científicos que apontam as artes visuais como um método de inclusão escolar para as crianças com TEA no Ensino Fundamental – Anos Finais?

Para isso, é importante ressaltar que, quando se pensa em produzir uma pesquisa científica é necessário o aprofundamento do tema a ser estudado para juntar e formar um emaranhado de conhecimento já produzido sobre o objeto escolhido. Elaborando assim, algo sólido, capaz de conduzir a uma boa reflexão. A esse tipo de pesquisa, é denominada de Estado da Arte ou Estado do Conhecimento.





Para Romanowski (2006), a pesquisa caracterizada em Estado da Arte, precisa possuir descritores, localização de bancos de dados, estabelecer critérios para seleção, coleta de material, leitura dos textos com elaboração de sínteses, organização dos relatórios com análises e construção de conclusões preliminares. Além disso, para esse tipo de pesquisa, algumas características pessoais, como, por exemplo, possuir curiosidade, ter criatividade, integridade intelectual (ser honesto na pesquisa) e apresentar uma sensibilidade social são esperados de um bom pesquisador (GIL, 1999).

Assim, foram elencados os seguintes descritores: Autismo, Arte-educação, Transtorno do Espectro Autista (TEA), arte e autistas, e inclusão e autista, com o objetivo de obter o máximo de informação sobre o conhecimento científico elaborado dentro do cenário do TEA, envolvendo a arte, na área da Educação. Dessa maneira, para realizar uma revisão sistemática, dentro da literatura, através do método de pesquisa Estado da Arte com a seleção de trabalhos acadêmicos (dissertações, teses e livros) envolvendo as artes visuais e o autismo, fez-se o estado da arte para reunir o máximo de informação científica, através de buscas por bancos de pesquisas acadêmicas como a BDTD, PRAXIS, CAPES e GOOGLE ACADÊMICO desenvolvidas nos últimos cinco anos.

Dessa maneira, para elucidar o objetivo dessa pesquisa, foram coletados e analisados alguns trabalhos envolvendo a Arte e o TEA, na esperança de contribuir para a melhoria da inclusão na Educação.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica para esta pesquisa consistiu na criação do Estado da Arte abordando Arte e Autismo. Assim, foi feita uma busca nos sites de pesquisas acadêmicas BDTD, PRAXIS, CAPES e GOOGLE ACADÊMICO, com os





seguintes descritores: Autismo, Arte-educação, Transtorno do Espectro Autista (TEA), arte e autistas, e inclusão e autista.

Optou-se pela pesquisa nesses portais, por serem bibliotecas que oferecem serviços de busca por meio de bases de dados de referência, com publicações em diversos idiomas, confiáveis cientificamente e de fácil acesso.

A busca desses estudos iniciou em novembro de 2022, no site da BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), sem estabelecer uma linha de tempo, utilizando o indexador autismo, onde foram encontradas 977 dissertações e 325 teses.

Com o intuito de filtrar ainda mais a pesquisa, foi estabelecido um critério para considerar apenas os trabalhos dos últimos cinco anos (dissertações, teses e livros), ou seja, os trabalhos elaborados de 2017 a 2022.

Uma nova busca então foi feita no site da BDTD, seguida da PRAXIS, CAPES e GOOGLE ACADÊMICO considerando as pesquisas elaboradas no prazo estabelecido.

Após a busca e seleção de livros, teses e dissertações pelos sites de pesquisas, com os indexadores já citados, foram selecionados o trabalho de SILVA, REDMERSKI, SOARES, MELO, BARBOSA e BONFIM. Totalizando sete dissertações, uma tese e um livro que, em seguida, foram analisados e discutidos considerando a sua relevância para a atual pesquisa.

TABELA 01 – Exemplares selecionados

Título	Autor	Tipo de produção	Descritores	Local e ano de publicação	Base de Dados
A inteligência no Transtorno do Espectro autista	SOARES, Jeane Maria Mendes.	Dissertação	Transtorno do Espectro Autista	Belo Horizonte MG 2018	BDTD
Desenvolvimento e Aprendizagem de Alunos com	REDMERSKI, Monalisa de Oliveira Miranda.	Dissertação	Autismo	Brasília DF 2018	BDTD





Autismo em Sala de Aula					
Estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na escola: desafios para a ação educativa compartilhada	BARBOSA, Maryli Oliveira	Tese	Transtorno do Espectro Autista	São Carlos SP 2018	BDTD
Proleca: Programa de Leitura e Comunicação para crianças com Autismo.	SILVA, Stefhanny Pauliminytrick Nascimento.	Dissertação	Autismo	Rio de Janeiro RJ 2018	BDTD
Arteterapia y autismo infantil. análisis de referentes	RODRIGUEZ,	Dissertação	Arte e Autistas	Espanha 2019	Google Acadêmico
Nise da Silveira e a psicologia analítica: contribuições pedagógicas para a inclusão de alunos autistas	MANARIN, Tailize	Dissertação	Inclusão e Autistas	Francisco Beltrão PR 2020	BDTD
Construção de Sequências Didáticas com Realidade Aumentada para Alunos com Transtorno do Espectro Autista nos Anos Finais do Ensino Fundamental - 6º ano	MELO, Francisco de Assis Freire de	Dissertação	Transtorno do Espectro Autista	Natal RN 2021	BDTD
Inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola regular: uma análise de teses e dissertações produzidas no	BONFIM, Jozinalva Oliveira Castelo Branco	Dissertação	Transtorno do Espectro Autista	São Leopoldo RS 2021	BDTD





Brasil de 2012 a 2020.					
Autismo e Inclusão	CUNHA, Eugênio.	Livro	Arte e Autistas	Rio de Janeiro RJ 2019	Google AcadÊMICO

Fonte: Criado pelo pesquisador

RESULTADOS

Dos trabalhos encontrados da plataforma BDTD, com o indexador autismo, a busca revelou 181 pesquisas, sendo 67 do Transtorno do espectro Autista (com a palavra espectro com e minúsculo), 37 sobre o Transtorno do Espectro Autista (com E maiúsculo na palavra Espectro), 27 com a palavra *Autism* (Autismo em inglês), e Educação Especial e Educação Inclusiva, 25 para cada.

Dessa procura foram selecionadas para uma leitura atenciosa duas dissertações de Silva (2018), e o trabalho de Redmerski (2018).

O trabalho de Silva (2018) é uma pesquisa que buscou estudar os efeitos numa sala de aula causados após a intervenção do Programa de Leitura e Comunicação para crianças com Autismo. Redmerski (2018) teve como objetivo em seu trabalho de pesquisa analisar os aspectos do processo educacional que colaboraram para caminhar em parceria com o desenvolvimento integral de discentes com TEA do fundamental.

Mudando o descritor para Arte-educação, o site BDTD revelou 116 dissertações e 37 teses. Assim, 25 desses trabalhos abordavam a Educação, 19 a Arte, 11 a Arte-educação (com hífen), 9 em Arte/educação (com barra), 8 com a palavra *Education* (educação em inglês) e 6 com a palavra *Art* (arte em inglês). Nenhum trabalho foi selecionado por não se distanciar do objetivo desta pesquisa.





Ao trocar o descritor para Transtorno do Espectro Autista (TEA), o site de busca BDTD revelou 298 dissertações e 78 teses. Sendo 62 assuntos com a palavra Transtorno no Espectro Autista, 58 trabalhos com a palavra Autismo, 44 com Transtorno no Espectro Autista (com E maiúsculo), 20 com transtorno no espectro autista (com todas as iniciais minúsculas), 19 com Educação inclusiva e 12 com a palavra TEA.

Em inglês apareceram 23 trabalhos com a palavra *Autism*, 18 com a palavra *Autism Spectrum Disorder*, 15 com *Autism spectrum disorder* (com as iniciais minúsculas da palavra *spectrum* e *disorder*), 6 com a palavra ASD, 6 com *Inclusive Education*, e 5 com *Autistic spectrum disorder*.

Após analisar os títulos dos trabalhos encontrados com o descritor Transtorno do Espectro Autista (TEA), foram selecionados quatro estudos: Soares (2018), Melo (2021), Barbosa (2018) e Bonfim (2021).

A dissertação de Soares (2018) traz um estudo com o teste de Matrizes Progressivas de Raven em crianças com TEA, considerando como um método mais coerente para medir a inteligência de sujeitos com autismo, avaliando assim, a inteligência fluida ao invés da inteligência cristalizada, como é o caso da medida com a Escala Wechsler de Inteligência que trabalha com a habilidade de compreender e produzir a linguagem, algo que faz parte justamente da deficiência no autismo, sendo então, um método duvidoso para ser usado em sujeitos com TEA.

O trabalho de pesquisa de Melo (2021) intitulado Construção de sequências didáticas com realidade aumentada para alunos com transtorno do espectro autista nos anos finais do ensino fundamental - 6º ano traz um estudo que teve como objetivo criar e validar sequências didáticas utilizando a realidade aumentada em sala de aula. Um método que para o autor ajuda no processo de aprendizagem e inclusão em sala.





A tese de Barbosa (2018) é um trabalho que visa construir uma ponte entre o abismo que separa o professor do aluno com autismo dentro da escola regular em busca de uma metodologia diferenciada que seja inclusiva e que garanta o desenvolvimento de suas potencialidades.

O trabalho de Bonfim (2021) aborda um estudo feito através do mapeamento e seleção de teses e dissertações e como esses pesquisadores dialogam com a questão da inclusão de alunos com TEA em sala de aula.

Após mudar o descritor para arte e autistas, foram encontradas 13 dissertações e 3 teses. O assunto cujo tema era o autismo apareceu em 4 trabalhos, 2 com a palavra *autism* (autismo em inglês), 1 com a palavra *Analytical Psychologist*, 1 com a palavra análise do comportamento aplicada, 1 trabalho com a palavra *Applied Behavior Analysis* e 1 com a palavra Aprendizado.

No entanto, foi feita uma leitura de todos os resumos dos trabalhos, mas foi constatado que nenhum se encaixava com o objetivo da pesquisa.

E por fim, na plataforma BDTD, foi usada a palavra-chave inclusão e autista no campo de busca, respeitando o tempo estabelecido anteriormente para os trabalhos dos últimos cinco anos, foi encontrado 21 dissertações e 5 teses. Os assuntos nestes trabalhos envolvem autismo, arte, educação, habilidades sociais e psicanálise. Dessa busca foi selecionado o trabalho de Manarin (2020).

O trabalho de pesquisa de Manarin (2020) envolve um diálogo entre os feitos da psiquiatra brasileira Nise da Silveira, a psicologia analítica e a arte como um processo terapêutico capaz de promover um espaço pedagógico inclusivo para alunos com TEA.

Seu trabalho está dividido em três seções: a primeira faz um levantamento dos trabalhos de Nise da Silveira juntamente com o encontro com Carl Gustav Jung e psicanálise; a segunda seção dialoga com os trabalhos artísticos dentro da perspectiva de inclusão voltando-se para o autismo de





acordo com a legislação brasileira; e a terceira seção é voltada para os trabalhos de Nise da Silveira aplicados na educação como forma inclusiva para alunos com TEA considerando a Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil. A segunda seção tem muito a oferecer para a presente pesquisa, pois trabalha com a arte como agente geradora de inclusão.

Mudando para outra plataforma de pesquisa, a PRAXIS, foi repetido cada descritor já mencionado a fim de sondar e obter o máximo de informação acadêmica possível dos trabalhos científicos feitos nos últimos cinco anos envolvendo o autismo que pudesse contribuir para a presente pesquisa. Porém, nenhum trabalho com essas palavras-chave escolhidas foi encontrado na PRAXIS.

Mudando para a CAPES, ao pesquisar pelo descritor autismo, sem especificar o ano de pesquisa, foram encontrados 4.032 resultados. Após selecionar as produções de 2017 até 2022, foram encontrados 1.864 trabalhos. Entre esse montante, apenas 6 dissertações presentes, e após a análise dos temas, nenhuma despertou interesse para a presente pesquisa.

Mudando o descritor para Arte-educação, no período de cinco anos, apenas 1 resultado, mas não houve aproveitamento para o desenvolvimento da atual pesquisa.

Com o descritor Transtorno do Espectro Autista (TEA), dentro do período de cinco anos, apenas 1 resultado, mas não houve aproveitamento para o desenvolvimento da atual da pesquisa.

Utilizando o descritor arte e autismo no espaço de busca da plataforma CAPES, foram encontrados 24 resultados. Sendo 23 artigos e uma dissertação. Após analisar o resumo da dissertação encontrada através deste descritor, foi constatado que a mesma não pertencia ao universo desta pesquisa.

Com o descritor inclusão e autista também foram encontrados 24 resultados, sendo 23 artigos e 1 dissertação que também não foi aproveitada.





Com a finalidade de expandir as buscas e adquirir o maior número de estudos científicos para a presente pesquisa, foi feita uma busca no Google Acadêmico. Após escrever autismo no campo de busca, e filtrar os trabalhos de 2017, apareceram 16.600 resultados, mas não houve aproveitamento de nenhum trabalho.

Mudando o descritor para Arte-educação, foram 12.000 resultados. Inúmeros trabalhos de diferentes áreas do conhecimento entre teses, dissertações, artigos, dentre outros, e novamente nenhuma pesquisa foi selecionada.

Com o descritor Transtorno do Espectro Autista (TEA), foram 10.100 resultados envolvendo as áreas da saúde e da educação. Trabalhos múltiplos que enriquecem o campo de pesquisa do TEA, mas nenhum foi aproveitado.

Ao escrever arte e autistas, um descritor que consegue andar pelos dois mundos que abraçam a presente pesquisa (arte e autismo), foi encontrado 16.400 trabalhos. Muitos destes foram artigos e estes foram descartados, pois, a busca foi encontrar teses, dissertações e livros. Dessa busca, foram selecionados o trabalho de Cunha (2022) e Rodriguez (2019).

Cunha (2022) apresenta um excelente trabalho sobre o autismo. Com a utilização de uma linguagem simplificada, o livro acalenta os anseios trazidos pelos pais quando se tem um filho autista diagnosticado. E para os professores, ele serve como uma formação para lidar com alunos autistas em sala de aula, automaticamente, produzindo uma aprendizagem significativa e inclusiva. O livro tem muito a oferecer para a atual pesquisa que busca desenvolver métodos artísticos para gerar inclusão.

Rodriguez (2019) apresenta uma dissertação desenvolvida pela *Universidad de Valladolid (UVA)*, Espanha. Sua dissertação é um projeto de mestrado, em que apresenta através de uma revisão de casos trabalhados com a arteterapia, um panorama atual dos estudos que abordam o TEA. Um





trabalho exaustivo motivado por seu contato com crianças com necessidades educativas especiais na Espanha ao observar as reações que os discentes apresentavam no contato com a arte.

Embora o trabalho de Rodrigues seja voltado para a arteterapia, é possível ver uma contribuição para a presente pesquisa ao pensar que o método artístico que se pretende estudar, capaz de desenvolver inclusão, corrobora com as práticas metodológicas de arteterapia.

Mudando o descritor para inclusão e autista, foram encontrados 34.800 resultados. Alguns trabalhos chamaram a atenção pelos seus temas, como, por exemplo, inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar, mas por se tratar de um artigo, assim como os outros encontrados com essa palavra-chave, nenhum trabalho foi selecionado.

Todo esse trajeto traz um grande rastro já percorrido por muitos pesquisadores, autores que atuaram e atuam no cenário do TEA, da arte e automaticamente da educação e da inclusão, contribuindo para uma ampla visão do objeto a ser estudado.

Ficou evidente, após a busca nas plataformas da BDTD, PRAXIS, CAPES e GOOGLE ACADÊMICO, a falta de estudos e publicações brasileiras em teses e dissertações envolvendo as Artes Visuais como metodologia para se trabalhar a inclusão de crianças com autismo.

DISCUSSÃO

Todos os trabalhos até aqui encontrados e selecionados são dotados de conhecimentos capazes de fornecer embasamento, de alguma forma, para a presente pesquisa que visa estudar as artes visuais como ferramenta metodológica geradora de inclusão de alunos com TEA em sala de aula do Fundamental II — Anos Finais.





Os trabalhos selecionados pelas plataformas pesquisadas, com os indexadores apresentados, tiveram uma alta ramificação com áreas distintas envolvendo ciências da saúde (medicina em seu campo do diagnóstico, fonoaudiologia) e as ciências humanas (educação).

Barbosa (2018), Cunha (2022), Manarin (2020), Bonfim (2021), Melo (2021), Soares (2018), Redmerski (2018) e Silva (2018) mencionam em seus trabalhos a deficiência presente nas instituições escolares ao se tratar do ensino inclusivo. Mencionam também a necessidade de professores e/ou acompanhantes educacionais especializados, pois o aluno com TEA apresenta déficits de comunicação e linguagem, ausência da linguagem verbal ou desenvolvimento tardio, com dificuldades de interação e algumas peculiaridades em seu comportamento, como estereotípias, isolamento e ecolalias, e assim, necessitam de suporte técnico, especializado e uma abordagem metodológica diferenciada.

Barbosa (2018) aponta que as escolas brasileiras apresentam um despreparo muito grande para trabalhar a inclusão de alunos com TEA. Mesmo com profissionais dedicados, muitas vezes, isso não é o suficiente para a efetivação de alunos com autismo em sala de aula.

Esse despreparo citado por Barbosa (2018) corrobora com Cunha (2022) ao relatar que o governo brasileiro estabelece leis para inclusão, mas não oferece subsídios e formação para que os professores, de fato, trabalhem de forma inclusiva.

Assim, a pessoa com necessidades educativas especiais passa a fazer parte da escola, mas com pouca ou nenhuma inclusão de fato. O discente com TEA, por exemplo, começa a fazer parte do ambiente escolar, muitas vezes, sem ter suas habilidades desenvolvidas. Para Cunha (2022), Barbosa (2018), Redmerski (2018) e Melo (2021) há uma necessidade de profissionais especializados para lidar com alunos com autismo em sala de aula para que as





instituições de ensino sejam eficientes no processo de inclusão do aluno com TEA.

Bonfim (2021) apresenta que a inclusão é lei, e comprova que as escolas não estão preparadas para receber alunos com TEA. Seja por falta de uma estrutura física, ou por profissionais docentes capazes de produzir uma inclusão e não uma interação. Há uma realidade das escolas brasileiras em obedecer à Lei, mas sem qualificação de sua grade de docentes.

Cunha (2022) acrescenta que o autismo apresenta um conjunto de sintomas que começam na infância prejudicando a capacidade da criança de pensar de forma abstrata, participar de jogos imaginativos e as simbolizações ficam severamente comprometidas. Isso comprova o desejo de urgência quando se trata de crianças com TEA e a educação, de profissionais qualificados e um currículo adequado às suas especificidades.

Para o autor, o trabalho educacional com crianças autistas, deve ser projetado primeiramente pelo docente, e que este educador, necessita ser direcionado para uma pedagogia sempre afetuosa e com muito cuidado. O autor também destaca que é benéfico para o processo de aprendizagem do menino com autismo que o professor seja do sexo masculino, porque a imitação e o condicionamento sejam mais enfatizados pela criança com autismo.

Ainda segundo Cunha (2022), o olhar inclusivo se alicerça na educação através da modificação do currículo escolar, de como ver a escola, o aluno e o professor. O autor nos lembra de que a forma de ensinar atualmente não trabalha com a diversidade e está ligada ao aluno de antes que aprendeu dessa forma, totalmente enraizada, a uma educação comum, tradicionalista, apontando que é necessária uma mudança na pedagogia atual que veja o sujeito como um ser individual e integral em sua totalidade biológica, social e afetiva.





Através de Bonfim (2021) e Cunha (2022) é possível obter a compreensão da dificuldade que as instituições de ensino possuem ao trabalhar a inclusão de um aluno com TEA em sala de aula. Mesmo a educação fazendo parte de um direito do sujeito com autismo, a inclusão dificilmente acontece, seja por problemas estruturais no espaço físico, seja pela formação dos docentes.

É perceptível que esse espaço escolar como se conhece hoje está moldado numa perspectiva igualitária, como aponta Bomfim (2021), em que o atual ambiente escolar é um espaço fomentador da homogeneização, deixando de lado não somente a criança com autismo, mas qualquer um que não acompanhe o seu processo formador.

Mello (2021) aponta que os docentes com alunos autistas, participantes de sua pesquisa, se mostraram interessados em aprender uma nova ferramenta que trabalhe a inclusão de seus alunos com TEA. Mas, ao mesmo tempo, revela um problema que muitas escolas com auxiliares enfrentam, por exemplo, muitas vezes, seus horários não são fixos do início ao término das aulas, deixando o processo educativo falho e as crianças com autismo desassistidas por alguns períodos escolares. Eis que o processo educativo atual não corresponde às especificidades individuais de seus sujeitos, deixando-os às margens da educação inclusiva.

A autora aponta que muitos auxiliares não participaram da construção das sequências didáticas propostas em sua pesquisa, exatamente, por estarem em seus horários fora da sala. Um problema deixado claro pela pesquisadora, já que esses professores auxiliares são peças fundamentais na convivência e construção do processo de aprendizagem na criança com TEA.

Esses estudos de Mello (2021) só aumentam a percepção de que a educação inclusiva ainda está longe de ser de fato INCLUSIVA. Como é de direito de todas as pessoas com deficiência, como afirma a Lei n.º 13.146 de 6 de julho de 2015, destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o





exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015).

Redmerski (2018) traz uma conclusão que o ambiente escolar muitas vezes impede a evolução e o desenvolvimento do aluno com TEA por estar engendrado em um sistema que traz certo preconceito sobre suas formas de compreender e aprender. Também aponta em suas análises sensíveis aos questionários respondidos por alunos autistas, que a maioria deles vão a escola por causa dos professores e gostam de elogios e de serem bem tratados por todos.

Isso mostra o quanto a criança com autismo é atenta a tudo que acontece em sala de aula e como é necessário buscar formas metodológicas capazes de promover a interação dessas crianças com necessidades educativas especiais no ambiente escolar.

O trabalho de Soares (2018), embora seja uma importante abordagem em que aponta uma forma adequada para medir a inteligência da criança com autismo, para a presente pesquisa seus estudos não serão aproveitados, pois, o que se pretende aqui não é estudar a avaliação da inteligência do aluno com TEA, mas sim, a inclusão em sala de aula.

O trabalho de Rodriguez (2019), realizado na Espanha, demonstrou que a arteterapia é comum em estudos de pacientes com incapacidades e doenças físicas e mentais, porém, aplicada em crianças com TEA é algo novo e pouco explorado. A autora relata que muitos trabalhos são utilizados nas escolas com o nome de arteterapia, mas aplicado de forma errada, sem os preceitos necessários para que de fato exista um contexto terapêutico.

A pesquisadora apresenta que muitos centros educacionais aplicam a arteterapia como algo didático e não como terapêutico, produzindo uma forma errada de exercer a arteterapia. Para a autora, este problema pode partir da falta de fiscalização da profissão por não ser reconhecida diante dos órgãos





competentes da Espanha. Trazendo uma clara necessidade de novos estudos sobre como a arteterapia pode ser trabalhada de forma correta e como a mesma pode melhorar o desenvolvimento das pessoas com TEA através da criação e reflexão exercida pelo contato técnico e terapêutico da arteterapia.

O trabalho de Rodriguez (2019) demonstra a arteterapia como uma mediadora que facilitará o contato entre criança com TEA e seu professor. Em que o espaço educacional seja repleto de expressão e liberdade. A autora menciona que nem sempre os professores são capazes de detectar se uma criança possui ou não necessidades educativas especiais, sendo assim, a arteterapia, um ensejo para o aluno com TEA, por ser uma ferramenta cheia de oportunidade para que este venha a socializar diante de suas dificuldades impostas pelo autismo.

Após estudo minucioso sobre o trabalho de Rodriguez (2019), é notório que o mesmo seja de grande importância para influenciar os novos estudos voltados para os benefícios da arteterapia em crianças com TEA, porém, para a presente pesquisa, estes estudos não serão aproveitados. Pois, quando se trabalha a arteterapia, automaticamente envolve o poder terapêutico que caminha por lugares da psicologia, se distanciando do foco, por ser uma área que a atual pesquisa não vai adentrar.

Seus estudos trazem uma clareza para a presente pesquisa, pois aponta que a arte, por pertencer ao campo da universalidade, da pluralidade, a torna uma ferramenta indispensável para se trabalhar a inclusão em sala de aula. Apresentando que a arte tem muito em comum com a inclusão de alunos com autismo do que se pensa, ela é tão excluída e menosprezada no meio escolar quanto o discente com TEA.

Assim, após as reflexões e análises realizadas, a partir de diversos trabalhos significativos na temática sugerida para construir uma pesquisa sólida, concreta e verdadeira sobre a arte como método de inclusão para





crianças com TEA, é correto afirmar que todos esses trabalhos aqui discutidos e analisados trarão, de algum modo, uma contribuição pertinente e eficaz para a construção dessa nova pesquisa, que certamente contribuirá com a melhoria do ensino brasileiro inclusivo no cenário que envolve crianças com TEA em sala de aula a partir do uso das artes visuais como metodologia inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou assim, com o Estado da Arte, realizar uma revisão sistemática, dentro da literatura, através do método de pesquisa Estado da Arte com a seleção de trabalhos acadêmicos (dissertações, teses e livros) envolvendo as Artes Visuais como método de inclusão para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Fundamental – Anos Finais. Usando, para isto, os descritores: Autismo, Arte-educação, Transtorno do Espectro Autista (TEA), arte e autistas e inclusão e autista.

Após análise dos trabalhos, constatou-se a necessidade de estudos de uma metodologia que utilize a arte como forma de inclusão em alunos com Transtorno do Espectro Autista, e que favoreça uma aprendizagem significativa. Isso porque, os trabalhos selecionados demonstraram que não existem livros, teses e dissertações que contemplem o objetivo desta pesquisa e conseqüentemente, apontam uma lacuna e necessidade de estudos dentro do cenário do TEA, envolvendo a arte na área da Educação.

Mesmo após a Lei Berenice Piana n.º 12.764 (BRASIL, 2012), que inclui a criança com TEA como pessoa com deficiência, assegurando seus direitos, oportunidades, benefícios legais e dentre eles o direito à educação e ao ensino profissionalizante, as instituições de ensino se mostram perdidas, despreparadas, sufocadas em lidar com pessoas com necessidades educativas especiais, e insuficientes quando o assunto é inclusão escolar.





REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. O. **Estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na escola: desafios para a ação educativa compartilhada**. 2018. 262f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

BRASIL, **Linha de cuidado para atenção as pessoas com transtorno do espectro do autismo e suas famílias**, 2015, pag. 18 e 44 (Ministério da Saúde).

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. 2012.
Disponívelem:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2012/lei/l12764.htm> Acesso: 16 maio. 2022.

BOMFIM, Jozinalva Oliveira Castelo Branco. **Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Escola Regular: uma análises de teses e dissertações produzidas no Brasil de 2012 a 2020** / por Jozinalva Oliveira Castelo Branco Bomfim. – 2021.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro, 2022.

DIEGUEZ RODRÍGUEZ, Ester. **Arteterapia y Autismo Infantil: Análisis de Referentes** / por Ester Dieguez Rodríguez. – 2018.

MANARIN, Tailize. **Nise da Silveira e a psicologia analítica: contribuições pedagógicas para a inclusão de alunos autistas**. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2020.

MELO, Francisco de Assis Freire de. **Construção de sequências didáticas com realidade aumentada para alunos com transtorno do espectro autista nos anos finais do ensino fundamental - 6º ano** / Francisco de Assis Freire de Melo. - 2022.





REDMERSKI, Monalisa de Oliveira Miranda. **Desenvolvimento e aprendizagem de alunos com autismo em sala de aula. 2018. 95 f.** Dissertação (Programa Stricto Sensu em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas de tipo “estado da arte” em educação. Revista diálogo educacional, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

SILVA, Stefhanny Paulimneytrick Nascimento. **PROLECA: Programa de Leitura e Comunicação para crianças com Autismo.** 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SOARES, Jeane Maria Mendes. **A inteligência no transtorno do espectro autista [manuscrito]** / Jeane Maria Mendes Soares. - 2018.





UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia



EDUCAÇÃO

REVISÕES BIBLIOGRÁFICAS E DE LITERATURA

INFORMAÇÕES PARA CITAÇÃO:

**Educação: Revisões Bibliográficas e de
Literatura (volume 2)**

NOME DA OBRA

978-65-00-95801-0

ISBN

**BARRETO, Denise Aparecida;
DIAS, Hildacy da Silva Mota;
GUSMÃO, Rogério (org).**

ORGANIZADORES

Ed. dos Autores

EDITORA

Vitória da Conquista, 2024

CIDADE E ANO

http://www2.uesb.br/ppg/ppged/publicacao_livro/educacao-revisoes-bibliograficas-e-de-literatura-vol-2/

URL

